

A IMPERATRIZ: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DO TARÔ

MIRNA XAVIER GONÇALVES¹; LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mirna.xavier@hotmail.com

² Professor Associado 3, Universidade Federal de Pelotas – lauer.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o sentido que permeia os baralhos de tarô é construído, e qual seria a participação de conceitos de semiótica, iconologia e iconografia dentro deste procedimento de significação.

Surgido em meados do século XIV na Europa, o baralho de tarô recebe o nome "E tarocchi" e seria utilizado para que o futuro seja previsto por cartomantes que conheciam o significado das cartas, já que ainda não possuíam nenhuma ilustração associada à leitura oracular. Na França, onde ganhou fama na cidade de Marselha, se desenvolveu o "Tarô de Marselha", que já continha ilustrações (NAIFF, 2015).

Um baralho de tarô contém 78 cartas. 22 arcanos maiores, que são cartas que, numa leitura oracular, tratariam dos assuntos mais importantes que envolvem a vida do consulente. As outras 56 cartas são conhecidas entre oraculistas como "arcanos menores", e tratam de pormenores que envolvem os arcanos maiores. Dentre os arcanos maiores está a carta "A Imperatriz", cujo significado permeia o universo feminino e será abordada neste estudo.

Atualmente, os baralhos de tarô têm variações de visualidade, e estas condizem com seus artistas e autores. Desde o surgimento do Tarô *Rider-Waite-Smith* em 1910 abriram-se portas para a liberdade de criação estética dentro do universo deste oráculo. Tendo isto em vista, o presente trabalho explorará como o sentido da carta se mantém apesar das diferenças de visualidade. A carta "A Imperatriz" será observada em dois baralhos diferentes nesta pesquisa: o já citado *Rider-Waite-Smith*, da artista Pamela Colman Smith (Figura 1) e o *The Wild Unknown Tarot* criado por Kim Krans em 2013 (Figura 2).

2. METODOLOGIA

Neste trabalho será utilizada a semiótica de acordo com Peirce, que cunha o seguinte significado para o termo "símbolo":

Um símbolo é um representante cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos. Falamos em escrever ou pronunciar a palavra 'man', (homem) mas isso é apenas uma réplica [...]. (PEIRCE, 2005, p. 71).

Sendo assim, para o campo das artes visuais é possível afirmar que o símbolo é o signo cujo significado é convencionado por um grupo determinado. Além da semiótica, também serão utilizadas as noções de iconologia e iconografia de Panofsky, que afirma: "A iconografia é [...] a descrição e classificação das imagens" (PANOFSKY, 1986, p. 53). Em relação à iconologia, o autor afirma que:

Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica,

também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica. (PANOFSKY, 1986, p. 54).

Fazendo uso destes dois autores é possível analisar como as diferentes visualidades de ambas as cartas conseguem transmitir o significado vindo de séculos. A Imperatriz é a carta cujo significado permeia as noções de maternidade, fertilidade, ciclos (ciclo de ovulação, vida e morte, estações, luas), abundância, soberania, entre outros aspectos, mas acima de tudo sua associação é com a fêmea, a mulher, e poderá ser apresentada com distintas representações visuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pamela Smith em seu baralho pioneiro retrata a Imperatriz como uma mulher coroada, sentada num trono, segurando um cetro e rodeada de figuras relacionadas à natureza. Claramente, por conta dos representantes de poder (cetro, trono, manto, coroa) esta mulher é nobre, e de acordo com a sua legenda, seu título é Imperatriz, a regente de um Império.

Tanto ela quanto a natureza que a cerca possuem ciclo. Os trigos aos pés dela, que nascem de uma semente, florescem, dão sementes e morrem, servindo de adubo às novas sementes, podem se assemelhar com o ciclo uterino da mulher, que ovula e menstrua.

Atrás da figura da mulher existe uma cachoeira. A água traz o significado de fertilidade e acolhimento do útero, associados ao sentido inicial da carta. Por fim vê-se o símbolo do "espelho de Vênus", o símbolo máximo do feminino na cultura ocidental. (CHEVALIER, 1999)

A principal fonte de significados para os símbolos utilizados nesta carta é a mitologia. A associação entre a natureza e a mulher é vista desde os primórdios da humanidade, mas cabe aqui citar a mitologia grega com uma de suas deusas da fertilidade e dos grãos, Deméter, cuja vontade regeria os ciclos das estações (BULFINCH, 2002).

Já na lâmina desenvolvida por Kim Krans vê-se uma árvore, com a lua no topo de sua copa e o que seriam flores rosadas em suas bordas. Como já foi dito, a natureza é relacionada fortemente aos ciclos da mulher, bem como as flores, que constantemente são associadas à genitália feminina na História da Arte, além de deusas da fertilidade e do amor, como Afrodite (BULFINCH, 2002).

A lua também traz essa noção de ciclos por conta de suas fases. Além destes símbolos, a autora do baralho afirma que o tipo de árvore representada é uma bétula, árvore relacionada ao clima temperado, ou seja, ela segue o ritmo das estações do ano para que possa sobreviver, constituindo-se assim mais um símbolo. Além disso, a bétula é tida como símbolo da mulher e da primavera (CHEVALIER, 1999, p. 131).

4. CONCLUSÕES

É possível observar como duas artistas distintas, em períodos inteiramente diferentes conseguiram evocar um significado constituído no séc. XIV mesmo estando nos séculos XX e XXI. O conteúdo permanece, embora suas expressões mudem. Cada símbolo inserido na lâmina é importante para corroborar na construção do sentido que ela denota, e, ao evocar símbolos já utilizados em cartas já produzidas, as artistas tecem referências às antecessoras e criam assim um imaginário visual que permeia os baralhos de tarô. Sendo

assim, a constância de certos símbolos traz esta denotação, e a variação dos mesmos sugere uma releitura, para que o significado de certo símbolo seja transmitido a outro por razões visuais, estéticas ou de poética visual; enquanto a participação da semiótica, da iconologia e da iconografia é valiosa para que este processo seja bem sucedido.

Com o passar dos anos a ilustração dos baralhos de tarô vem buscando ser cada vez mais artística, pessoal, subjetiva e sutil. Em alguns casos vem-se reduzindo a quantidade de elementos em cada carta, para que ela tenha o mínimo possível de elementos, mas ainda indique sua mensagem ao consulente. A qualidade estética e artística das cartas no início do séc. XXI passa a ser uma preocupação majoritária para inúmeros(as) artistas de baralhos de tarô, que inclusive aplicam técnicas de design em suas cartas. Tendo em vista as similaridades entre a preocupação artística de uma lâmina de tarô e um quadro, por exemplo, é possível afirmar que ler uma carta de tarô é como ler uma obra de arte.



Figura 1: A Imperatriz. 1910.
Pamela Smith. fonte: aeclectic.net



Figura 2: A Imperatriz. 2013. Kim
Krans. Fonte: acervo da autora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**. 2002. 26ª Edição. Editora Ediouro. Rio de Janeiro, RJ.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**. 1999. 28ª Edição. Editora José Olympio. São Paulo, SP.

KRANS, Kim. **The Wild Unknown Tarot Guidebook**. 2016. Harper Elixir Books. Nova York, NY.

NAIFF, Nei. **Curso Completo de Tarô**. 2015. 1ª edição. Editora Best Seller. Rio de Janeiro, RJ.

PANOFSKY, E. "Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. 1999. 3ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo, São Paulo.